

LIÇÕES APRENDIDAS NA VARANDA

Philip Gulley

Quando eu estava na quarta série, ofereceram-me o emprego de entregador de jornais. O salário não era grande coisa, mas eu sabia que um emprego ajudaria a desenvolver meu caráter, portanto aceitei a oferta. Ter bom caráter era importante para os alunos da quarta série. Meu aprendizado começou no primeiro dia de trabalho. Um cliente que estava pagando sua conta perguntou-me se eu queria um conselho.

– Claro – eu disse.

– Fique longe das mulheres de temperamento explosivo.

Uma de minhas clientes chamava-se Sra. Stanley. Ela era viúva e não parecia ter temperamento explosivo, portanto eu me demorava um pouco mais em sua varanda durante minhas entregas. Ela me via apontar rio início da rua e, enquanto eu pedalava ladeira acima até chegar à sua casa, já havia uma deliciosa garrafa de coca aguardando por mim. Eu me sentava e sorvia o líquido enquanto ela falava. Era assim que nos entendíamos – eu bebia o refrigerante, ela falava.

A viúva Stanley gostava de falar de seu falecido marido, Roger.

– Roger e eu fizemos compras no supermercado esta manhã – ela dizia.

A primeira vez que ouvi isso, levei um susto e a coca entrou pelo meu nariz. Aqueles eram tempos em que coca era apenas refrigerante (e não droga) e quando ela entrava pelo nariz cia gente não era crime nenhum, apenas um pouco desconfortável.

Voltei para casa e contei a meu pai que a Sra. Stanley falava do Sr. Stanley como se ele ainda estivesse vivo. Meu pai disse que talvez eia se sentisse solitária e que eu deveria limitar-me a ouvir, balançar a cabeça afirmativamente e sorrir. Talvez esse procedimento pudesse ajudar a resolver o problema dela. Foi o que eu fiz. Imaginei que essa seria a maneira de desenvolver meu caráter. Meu pai tinha razão. Depois de alguns verões, ela pareceu ter-se contentado em deixar seu marido descansar em paz no Cemitério do Sul.

Nos dias de hoje, teríamos recomendado um psiquiatra à Sra. Stanley. Mas, na época, tudo o que ela possuía era uma cadeira de balanço na varanda e os ouvidos de um entregador de jornais, o que aparentemente lhe bastava.

Desisti de meu emprego de entregador de jornais logo após ela ter abandonado aquele antigo hábito. Ingressei no lucrativo serviço de cortador de grama. Não vi a viúva Stanley durante vários anos. De repente, nossos passos se cruzaram no jantar beneficente anual da Igreja Cristã. Ela estava cm pé atrás de uma mesa servindo purê de batata e parecia radiante. Quatro anos atrás, "subornava" o entregador de jornais com um refrigerante para ter alguém com quem conversar; agora, estava cercada de amigos. Seu marido havia morrido, mas a vida continuava. Ela vivia em comunidade, e seu rosto irradiava amor.

A comunidade é muito importante; às vezes, ela nos cura de um problema e nos torna uma pessoa melhor do que seríamos, se vivêssemos sozinhos.

Hoje eu moro na cidade. Minha varanda consiste de uma laje de concreto. E meu entregador de jornais é uma senhora chamada Edna que tem três filhos pequenos e uma motocicleta de 12 anos. Todos os dias, ela me pergunta como estou. Quando não respondo "bem", ela insiste até descobrir o motivo. Edna é uma senhora bondosa, e, às vezes, finjo que tenho um problema só para que ela se demore mais um pouco. Ela sempre viveu em uma cidade grande, mas isso não a impedia de saber o significado de comunidade.

Comunidade é mais um estado de espírito que uma localidade.

Nós a encontramos quando alguém pergunta como vamos e faz essa pergunta porque se interessa por nós, não porque está sendo pago para isso.

Dois mil anos atrás, um presbítero da igreja chamado Pedro nos deu a receita para vivermos em comunidade. "Acima de tudo, porém", ele escreveu, "tende amor intenso uns para com os outros, porque o amor cobre multidão de pecados" (1 Pedro 4.8). Isso significa que, quando amamos uma pessoa, precisamos ser cegos aos defeitos dela.

Foi mais ou menos isso que meu pai me falou sobre a viúva Stanley. Às vezes, basta movimentar a cabeça afirmativamente e sorrir.

Os psiquiatras dão a esse tipo de comportamento o nome de "síndrome da negação", mas nos tempos em que eu entregava jornais o nome era "compaixão".